ETNICIDADE IORUBÁ, MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CANDOMBLÉ DE MATRIZ AFRICANA: ENTRE MITOLOGIA, HISTÓRIA E TRÂNSITOS CULTURAIS NO BRASIL

Luciano Lima Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-2992-0790
Endereço eletrônico: llima@uesb.edu.br

Daisy Laraine Moraes de Assis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-5784-3598
Endereço eletrônico: dassis@uesb.edu.br

Palavras-chave: Candomblé; Iorubá; Memória; Identidade; Etnicidade.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação discute a formação do *ethos* iorubá e os trânsitos culturais no candomblé de matriz africana no Brasil, tomando como eixo analítico a relação entre mitologia, história, memória e identidade. O problema investigado parte do entendimento de que a cultura africana, em sua dispersão atlântica, não pode ser compreendida como um bloco homogêneo e estático, mas como um campo dinâmico de reinvenções, recomposições e continuidades simbólicas. Nesse sentido, a pesquisa procura evidenciar como os elementos mítico-simbólicos iorubás, a exemplo dos *ilequés* – colares sagrados -, longe de se reduzirem a narrativas e símbolos fabulosos ou explicações pré-científicas, estruturam formas de legitimidade, pertencimento e organização social tanto na África quanto na diáspora.

A relevância da investigação reside na necessidade de enfrentar a invisibilização histórica produzida pelo colonialismo, que silenciou experiências, saberes e modos de vida de povos africanos traficados para as Américas. Ao tratar da formação do grupo iorubá e de sua permanência simbólica no Brasil, o estudo evidencia que memória e tradição operam como mecanismos de resistência, rearticulação identitária e continuidade cultural.

O objetivo central consiste em analisar como a fusão entre mitologia e história contribui para a manutenção da identidade religiosa no candomblé de matriz iorubá no Brasil, por intermédio de seus símbolos sagrados. A hipótese que orienta a reflexão é a de que o terreiro de candomblé constitui um espaço privilegiado de preservação da memória coletiva afro-brasileira, no qual se atualizam vínculos ancestrais, redes de filiação ritual e formas específicas de sociabilidade. Desse modo, a pesquisa busca contribuir para o reconhecimento dos terreiros como espaços de produção de conhecimento, de resistência cultural e de afirmação da humanidade negra.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com suporte em pesquisa bibliográfica e documental. O estudo integra investigação mais ampla desenvolvida junto a terreiros de candomblé de matriz iorubá localizados nos estados da Bahia e de São Paulo. Os dados etnográficos revelam que os terreiros investigados mantêm extensas redes de filiação religiosa, frequentemente vinculadas às casas tradicionais da Bahia, como o *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* – Casa Branca, o *Ilê Axé Opô Afonjá* e o *Ilê Oxumarê*. Essas conexões constituem verdadeiras redes de transmissão da memória coletiva, assegurando a continuidade de conhecimentos ritualísticos, práticas litúrgicas e fundamentos religiosos herdados de gerações anteriores.

A investigação se ancora em aportes da antropologia, da história e dos estudos da memória, buscando articular interpretações sobre a origem iorubá, a formação das religiões de matriz africana e os processos de circulação cultural no Atlântico Negro.

A análise toma como referência a perspectiva de Norbert Elias (1994), ao compreender indivíduo e sociedade como instâncias interdependentes em constante relação configuracional. Essa abordagem permite observar como práticas religiosas, narrativas ancestrais e relações sociais se entrelaçam na constituição de pertenças coletivas. Também se considera o papel da tradição como construção histórica e seletiva, em consonância com a perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1984) sobre a invenção das tradições, sobretudo para pensar os processos de atualização do passado em contextos de ruptura e recomposição sociocultural.

Do ponto de vista empírico e interpretativo, a leitura do material bibliográfico permite

examinar a centralidade de *Ilé Ifé*, de *Odùduwà* e da cosmologia iorubá, assim como os modos pelos quais esses referenciais foram reelaborados no Brasil. A metodologia adotada privilegia, portanto, a análise das continuidades simbólicas e das reelaborações rituais, a exemplo do que acontece com os *ilequés*, – colares sagrados -, compreendendo o candomblé como espaço de transmissão e transformação simbólica da memória africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a cosmologia iorubá constitui um sistema relacional que articula os domínios do *Òrun* (Mundo espiritual) e do *Ayé* (Mundo material), expressando uma visão de mundo na qual o sagrado estrutura a vida social, política e moral. A mitologia iorubá não deve ser interpretada como simples ficção, mas como linguagem simbólica produtora de sentido, legitimidade e coesão. A figura de *Odùduwà*, a centralidade de *Ifé* e a organização das narrativas cosmogônicas demonstram que mito e história se entrelaçam na fundamentação do pertencimento coletivo e na legitimação de autoridades tradicionais.

A literatura mobilizada sustenta que o povo iorubá resultou de processos históricos complexos de formação, envolvendo a mescla de populações ancestrais de zonas florestais e grupos migrantes oriundos das savanas do norte da África. Tal composição não deve ser lida como sinal de fragilidade identitária, mas como evidência de que a identidade iorubá se consolidou historicamente por meio de contatos, deslocamentos e sínteses culturais. Nessa direção, a noção de etnicidade emerge menos como essência do que como construção histórica e relacional, produzida em contextos específicos de interação, disputa e afirmação coletiva.

No Brasil, os terreiros de candomblé passam a funcionar como espaços de recomposição de vínculos, salvaguarda de identidades e elaboração de pertencimentos, nos quais a memória coletiva é transmitida por meio de ritos, cantos, objetos sagrados, narrativas e relações de axé.

Nesse processo, as contribuições de Abimbola (1981) ajudam a compreender a concepção iorubá de pessoa e de personalidade humana, revelando a importância do vínculo entre destino, espiritualidade e coletividade. Do mesmo modo, os estudos de Braga (1988) sobre o jogo de búzios evidenciam que a adivinhação no candomblé integra um sistema coerente de conhecimento e orientação existencial, no qual a palavra ritual e o jogo divinatório possuem função social e religiosa. Já Verger (2002) e Santos (2008) demonstram

que as religiões de matriz africana não se limitam a preservar "resíduos" culturais, mas reelaboram permanentemente a herança africana em diálogo com o contexto brasileiro.

A discussão também evidencia que a tradição no candomblé não se define por imobilidade, mas por atualização contínua. Nesse sentido, a ideia de "invenção das tradições" contribui para compreender que a manutenção de certas formas rituais, genealógicas e simbólicas não significa artificialidade, mas resposta histórica às exigências de continuidade em contextos de ruptura. As filiações de axé, os vínculos entre terreiros e a transmissão ritual revelam que a tradição é simultaneamente preservação e recriação. Trata-se de uma memória viva, reativada em cada geração para assegurar a permanência do grupo e de seus referenciais sagrados.

Do ponto de vista analítico, observa-se ainda que a religião afro-brasileira atua como dispositivo de resistência à desumanização produzida pela escravidão e pelo racismo. Ao oferecer uma "gramática" simbólica de pertencimento, o candomblé afirma a dignidade dos sujeitos negros, reconstituindo laços de ancestralidade e permitindo a elaboração de uma identidade positiva frente às violências históricas sofridas. Assim, o mito, os ritos e os saberes tradicionais não representam apenas uma cosmologia específica, mas também uma forma de ação social e política.

CONCLUSÕES

Constata-se que o *ethos* iorubá resulta de um processo histórico no qual a sobrevivência física e a preservação da subjetividade se articularam em torno do sagrado. A fusão entre mito e história não deve ser vista como contradição, mas como fundamento da continuidade identitária e da legitimidade social no universo iorubá e no candomblé brasileiro. A pesquisa demonstra que os terreiros constituem redes de parentesco ritual e de transmissão de memória, nas quais a ancestralidade é constantemente atualizada em resposta às demandas do presente.

Ao focalizar a formação do *ethos* iorubá e seus trânsitos culturais no Brasil, o estudo reafirma que as religiões de matriz africana devem ser compreendidas como espaços de produção de conhecimento, resistência e reinvenção. Sua permanência histórica evidencia a força simbólica da memória coletiva como fundamenta Halbwachs (2004, 2006) e a capacidade de recriação cultural dos sujeitos negros diante das violências da diáspora. Desse

modo, reconhecer a centralidade dos terreiros e de suas tradições é também reconhecer a contribuição decisiva dos povos africanos e afrodescendentes para a constituição da sociedade brasileira.

Em síntese, o candomblé de matriz iorubá constitui uma celebração móvel da identidade, na qual passado e presente se encontram de modo dinâmico. A tradição, longe de ser um resíduo imutável, revela-se como prática viva de resistência, atualização e projeção de futuros possíveis. Por isso, os estudos sobre etnicidades, relações raciais e de gênero ganham profundidade quando consideram os terreiros como espaços privilegiados de produção de memória, de afirmação política e de reconstrução da humanidade negra.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. **A concepção iorubá da personalidade humana.** In: Colóquio Internacional para a Noção de Pessoa na África Negra, 1., 1971, Paris. Anais [...]. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.

BRAGA, Júlio. **O jogo de búzios:** um estudo da adivinhação no candomblé. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ELIAS, Norbert. **Teoría del símbolo:** un ensayo de antropología cultural. Tradução de José Manuel Álvarez Flórez. Barcelona: Península, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Antropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte:** Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUZA, Luciano Lima. **Os colares sagrados da memória:** tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana iorubá. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás:** deuses iorubás na África e no novo mundo. São Paulo: Corrupio, 2019. 234 f.